REPÓRTER DA TERRA

ANO I | N° 3 | SETEMBRO DE 2005

Do desemprego nas cidades à produção no campo



Feira de produtos ecológicos no Rio Grande do Norte

Para geógrafo,
MP 2.183 é golpe
mortal no movimento
dos trabalhadores
sem-terra

Como vivem hoje, no Rio Grande do Sul, os sem-terra que acamparam na década de 70

No Maranhão, a arte e a cultura ocupam espaço no Asentamento Diamante Negro. 12

Feira em Maceió encanta com preço e qualidade dos produtos da reforma agrária



Um caso exemplar

Feira da Reforma Agrária: mais de 200 toneladas de produtos comercializadas

No dia 7 de setembro, começou em Maceió/AL, a 6ª Feira da Reforma Agrária. Na abertura estavam a Central de Movimentos Populares (CMP), a Comissão Pastoral da Terra (CPT), a CUT, vários sindicatos e representantes do governo do estado, como do Instituto de Terras e a Secretaria de Agricultura.

Em mais de 200 barracas, assentados e acampados de todo o estado vendem a sua produção: inhame, macaxeira, feijão, batata doce, galinha, bode, farinha, laranja, coco, mamão a preços até 50% mais baratos do que no mercado.

São produtos livres dos agrotóxicos e quaisquer tipos de produto químico, uma produção 100% orgânica. Em menos de dois dias foram comercializadas mais de 200 toneladas de produtos. A população quer que a feira seja realizada mensalmente. E tudo isso acontece num estado onde sempre estouram conflitos entre milhares de Sem-Terra e os latifundiários continuadores dos senhores de engenho.

Você sabia disso tudo?

Em qual jornal, programa de rádio e TV você encontra notícias boas sobre os trabalhadores rurais e seus movimentos de luta? Onde você pode se informar sobre os benefícios e os bons resultados da agricultura familiar?

Essas notícias não chegam a você, caro leitor. Não chegam porque se elas chegassem você entenderia a necessidade da reforma agrária. E isso mudaria a cara do Brasil. Mudaria uma triste realidade de um país que tem a pior distribuição de renda do mundo. Menos de 1% da população ficam com mais de 50% da renda nacional. A reforma agrária ajudaria a mudar também estatísticas que revelam que no Brasil, 75% da população não consegue ler e escrever plenamente.

Porque queremos um outro Brasil com distribuição de renda e sem desigualdades sociais, fazemos o Repórter da Terra. Um veículo de comunicação que tem como objetivo trazer para o leitor a vida do trabalhador rural brasileiro com suas histórias, suas alegrias, suas tristezas, seus sonhos, suas luta, suas dificuldades e conquistas.

Acompanhe o que andam fazendo os ex-sem-terra no Rio Grande do Sul, Rio de Janeiro, Distrito Federal, Alagoas, Rio Grande do Norte e Maranhão.

Boa leitura!

Entrevista com o geógrafo Paulo Alentejano

Assentamentos precisam de crédito e assistência técnica



Paulo numa aula em um assentamento em Campos/RJ

POR LIANA MELO

geógrafo Paulo Alenteano nasceu e foi criado na cidade do Rio de Janeiro, mas sua grande paixão é mesmo o campo. Aos 37 anos, ele dedicou os últimos 16 anos da sua vida estudando a questão agrária.

Só que o campo não é apenas um objeto de estudo, ele já faz parte da vida desse carioca, pai de uma menina de quatro anos.

Ele costuma envolver-se diretamente com o MST, prestando consultorias nas áreas de educação, formação e produção agrícola.

Tamanha proximidade com o MST tem levado Alentejano a defender uma posição crítica em relação ao governo Lula por não ter ainda revogado a Medida Provisó-

ria criada pelo de Fernando Henrique Cardoso que impede vistoria em terras ocupadas. "Essa MP foi golpe mortal no movimento", afirma.

Jornal da Terra – O que

há de novo no meio rural brasileiro? Alentejano - Até pouco tempo atrás, não existia diferenciação entre assentamento e acampamento. Foi depois da aprovação da Medida Provisória nº 2.183, que impede a vistoria em terras ocupadas, que se começou a fazer uma certa distinção entre assentamento e acampamento. Isso foi no governo Fernando Henrique Cardoso. A aprovação dessa MP foi um golpe mortal no movimento porque ela tirou das mãos dos trabalhadores rurais uma das principais armas do movimento social. A alternativa criada foi acampar na beira das estradas e não mais dentro das fazendas.

Jornal da Terra – Como anda a infra-estrutura dos assentamentos?

A – É bastante precária no Rio. A exceção fica por conta da energia elétrica, já que o estado é conside-

rado um exemplo de eficência na implantação do programa federal "Luz no Campo". Outro grave problema encontrado no Rio é o fato de muitos trabalhadores rurais já terem tentado a vida nas cidades. Não podemos esquecer que o Rio é o estado mais urbanizado da federação: 96% da sua população vivem na cidade, das quais 75% dessa população moram na região metropolitana. Em compensação, a experiência acumulada na cidade, muitas vezes associada a um maior nível de escolaridade, aumenta a capacidade dessas pessoas de lidar com o comércio.

Jornal da Terra – É difícil segurar o jovem no campo?

 A - Se esse jovem não tiver opção de cultura e de lazer no campo, ele

vai querer migrar. Havendo essas opções, o jovem nem sempre escolhe trocar o campo pela cidade. Até porque já são bem conhecidas as dificuldades encontradas pelos jovens na hora

de procurar emprego nas grandes cidades. Não dá para ser taxativo e afirmar: o jovem quer sair ou o jovem quer ficar no campo. Tudo depende das condições criadas.

Jornal da Terra – O envelhecimento do campo é então um problema nacional?

A – Com certeza. O trabalho agrícola é associado a um tipo de tarefa mais rude, daí porque favorece a presença dos homens em relação às mulheres. Só que é bom ressaltar que os assentamentos aqui do Rio têm uma forte presença de jovens. Dependendo das condições criadas, é possível, sim, fixar o jovem no campo. É difícil generalizar, porque os modelos ajudam a falsear a realidade. Cito o assentamento São Roque, em Parati. A associação de produtores rurais de lá é composta basicamente por mulheres e elas es-

tão testando umas experiências interessantes de agrofloresta. É a produção combinada de árvores nativas com produtos agrícolas, tipo batata, frutas, café e mandioca. A essa prática dá-se o nome de consorciamento.

No acampamento *Terra Livre*, em Resende existe um bom trabalho junto à juventude. Eles conseguiram montar um pólo de informática e os jovens estão trabalhando também num viveiro comunitário.

Jornal da Terra – Esses assentamentos são auto-sustentáveis?

A - O Terra Livre, que é um antigo acampamento, nunca recebeu um único tostão de crédito do governo. Apesar disso, tem conseguido viabilizar uma produção e vender a produção na cidade de Itatiaia. Eles atravessam de barco o rio Paraíba do Sul e comercializam diretamente a produção. Mesmo não tendo acesso a crédito, eles estão conseguindo sobreviver. Já o assentamento de São Roque está mais avançado, porque lá eles tiveram acesso a crédito. Está começando também, porém ainda de forma incipiente, uma feira de produtos agroecológicos em Campos. Quem participa são as famílias de antigos assentamentos da região. É uma alternativa para escoar a pro-

Jornal da Terra – São testados nesses acampamentos técnicas mais modernas de agricultura?

A – Não muito, porque existe uma pressão grande por resultados rápidos. Os pequenos agricultores acabam sendo obrigados a entrar nesse pacote da modernização. Existe hoje um grande movimento para rediscutir a assistência técnica, buscando trabalhar com outro modelo de desenvolvimento.

Jornal da Terra – O governo Lula vem registrando algum tipo de avanço ao lidar com as questões do campo?

A - Eu sou muito crítico em relação à reforma agrária defendida pelo governo atual. Na minha avaliação, os avanços são muito menos significativos do que se esperava. Posso citar alguns avanços, como a abertura do processo de negociação que é diferente da atitude repressiva que predominou principalmente no segundo mandato do governo FHC. Apesar de o governo Lula não ter partido para a repressão, tão pouco ele revogou a medida provisória do antigo governo que criminaliza as ocupações de terra. Isso significa que as ocupações continuam impedidas por lei e consideradas criminosas. Do ponto de vista do número de famílias assentadas, posso afirmar que houve uma enorme paralisia no primeiro ano do governo Lula e o ritmo continua bastante lento.

REPÓRTER DA TERRA - Rua Júlio Otoni, 571, Santa Teresa (RI), CEP. 20.250-040 - http://www.ceris.org.br / ceris@ceris.org.br / ceris@ceris.org.br / coordenação Editoral: Núcleo Piratininga de Comunicação | Edição: Claudia Santiago (Mtb.14.915-RJ) / Isaías B. de Araújo (Mtb. 25.546-RJ) | Projeto Gráfico: Núcleo Piratininga de Comunicação e Estúdio Metara | Programação Visual e Produção Gráfica: Estúdio Metara (22427609) | Revisão: Rosângela Gil | Reportagens: Antônio Ezequiel (AL), Carla Lisboa (DF), Carla Ferreira (RS), Cida Ramos (RN), Ed Wilson Araújo (MA) e Taís Peyneau (RJ) | Entrevista: Liana Melo | Impressão e fotolitos: Folha Dirigida

Iovens assentados

querem lazer e

vida cultural

repórter da terra 3.pmd

Charquedas já abriga a terceira geração dos que acamparam na década de 70

Já começaram a nascer os netos dos que acamparam em Encruzilhada Natalino, no final da década de 70. Uma dessas crianças se chama Luara. Ela é Neta de Élia e Augusto. Nesta reportagem vamos mostrar como vivem os moradores do Assentamento 30 de maio, onde nasceu Luara, no final do ano passado.

TEXTO E FOTOS: CARLA FERREIRA

uara nasceu no verão gaúcho de 2005 protegida por seus pais, Nina e Loan, em uma simpática casa de alvenaria com um belo jardim de girassóis e palmeiras reais bem em frente à ampla varanda com churrasqueira. Tudo isso fica no Assentamento 30 de Maio, em Charqueadas, a cerca de 50 km da capital, Porto Alegre. A menina ainda não sabe que traz consigo a herança de duas gerações de agricultores gaúchos que lutam pela reforma agrária.

Seus avós, Élia e Augusto, na época com seis filhos, foi a sétima família a chegar, em novembro de 1979, ao histórico acamamento de Encruzilhada Na-



Nina e Loan com Luara no colo, recém-nascida, em dez. 2004

talino, no planalto norte do Rio Grande do Sul. Este acampamento serviu de marco para construção do MST em nível nacional. A mãe, Nina, participou de seu primeiro acampamento em 1989. Nele permaneceu dois anos e três meses. Foi assentada em 1992. Sempre gostou de estudar, apesar de só haver cursado até a quarta série primária. Leu Gilberto Freire, Sérgio Buarque de Holanda e diversas feministas, como Alexandra Kollontai e a boliviana Domitila Barrios de Chungara, a biografia de Olga, por Fernando Moraes, entre outros. Mas, confessa que foi a prática o melhor instrumento para compreender os clássicos do pensamento brasileiro.

Tanta luta desta e de outras milhares de famílias de colonos não foi em vão. Nina, em suas reflexões, dá uma pista das razões que os fazem resistir: "a gente precisa decidir do que a gente aceita morrer. Aceita morrer de fome? Esta decisão impõe tomar uma atitude".

Estufas, escolas e hortas desenvolvem o município

julgar pelo que se assiste hoje ao chegar ao Assentamento 30 de Maio. Luara não vai crescer sob a lona plástica e com incertezas sobre o alimento do dia de amanhã. Sua mesa é farta, com produtos orgânicos produzidos ali mesmo, nos 497 hectares que sua família, juntamente com outras

26 famílias assentadas, organizadas na Cooperativa dos Produtores de Charqueadas (COPAC), plantam e criam animais para o abastecimento próprio e da cidade.

Hoje, o trabalho cooperativo produz algumas toneladas de hortaliças e frutas, cerca de 96 toneladas de suínos, 50 de laranja, 8 de arroz ecológico, 4 de peixes e 3 de mel por ano. E ainda tem uma padaria e um mercado próprio, este situado no centro de



Charqueadas, que comercializa em torno de R\$ 3 milhões anuais.

Da varanda da casa de Luara, por entre os girassóis, bem no centro da Agrovila onde moram as famílias, se vê o campo de futebol e um bosque de árvores nativas, com pomar. Olhando do campo, se vê as três construções de madeira com jardins, onde funciona a secretaria da coorperativa. Há também a Escola Estadual São Francisco de Assis, que ensina da 1ª à 4ª séries do primeiro

guindo por uma via interna, chega-se às obras do novo e primeiro frigorífico da região, construído com recursos do governo federal. Atrás deste prédio, as estufas sementeiras e a plantação de pepinos e duas grandes hortas ecológicas, manejadas exclusivamente com a sabedoria camponesa do uso de plantas para controlar inse-

tos, pulgões e lagartas. Do alto da horta vê-se a plantação de arroz. Na horta, as verduras e legumes são testemunhas da resistência dos sem terra à política de monocultura de exportação e ao uso de sementes geneticamente modificadas hoje dominantes no país.

No galpão ficam os tratores e o caminhão de transporte dos produtos. O aviário abriga mais de mil aves de postura e abate. Em galpões são tratadas e mantidas cerca de 200 vacas leiteiras.

"Mande os sem-terra para cá", diz empresário

mercado da COPAC é o principal canal de comunicação do assentamento com a cidade. É através dele que chegam à comunidade os frutos da reforma agrária. O maior empresário local, Edson Berbiger, proprietário de um centro comercial e de uma loja de material de construção, nos conta que ficou aprensivo com a chegada dos Sem-Terra.

"Éramos uma cidade de 20 mil habitantes que só tínhamos informações dos Sem-Terra pela imprensa", lembra. Depois destes anos de convívio, afirma que o movimento é legítimo, porque a necessidade o faz legítimo.

E manda um recado para o governo: "que envie mais quatro ou cinco grupos de Sem-Terra para cá, porque eles só trouxeram desenvolvimento para a região".





reporter da terra 3.pmd 3 21/9/2005, 16:49



Acampamento Terra Livre revela potencial de desenvolvimento da Reforma Agrária

Escola municipal, luz, produção, associação de moradores, parcerias locais e internacionais. É fácil entender como a área se tornou uma referência para o próprio MST no Rio.

Техто е Готоя: Taís Peyneau

Itatiaia (RJ) - Narrar a chegada ao acampamento Terra Livre, organizado pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) na região serrana do Rio de Janeiro, pode parecer ao leitor uma daquelas viagens de aventura rumo a uma espécie de Eldorado ao qual se chega depois de muitos percalços.

A viagem adianta ao visitante a imagem da vida desta comunidade de 33 famílias. Desde 1999, nos 427 hectares da Fazenda da Ponte, ou Fazenda do Sobrado, aguarda seu assentamento definitivo por parte dos poderes públicos. Só que "aguardar", neste caso, não tem nenhuma relação com esperar de braços cruzados.

Por meio de sua organização e resistência a todo tipo de adversidade - da fome dos primeiros tempos à impossibilidade de contar com créditos e outros recursos oficiais até hoje - o acampamento foi conquistando respeito e reconhecimento da comunidade de Resende e Itatiaia, cidades próximas, das autoridades e de diversas entidades internacionais.

"A gente começou a ser legitimado com o reconhecimento da escola, nossa primeira conquista coletiva, fruto de discussões internas e pressão junto às autoridades" ressalta Eliana Silva moradora do acampamento. "A chegada da luz elétrica de rede ofi-

Travessia do Rio Paraíba do Sul: em pequenas canoas, as famílias chegam e saem do acampamento e por meio delas transportam a produção.

cial, receber muitas visitas de estrangeiros, tudo isso vai nos legitimando, fazendo a existência da comunidade uma realidade cada vez mais irreversível", alegra-se.

Uma visita à "Comunidade Terra Livre" - como a chamam os moradores – faz pensar, diante de tanta força de vontade, sobre o potencial de desenvolvimento que teria todo o país com um programa de reforma agrária que fosse cumprido.

Que venha o Assentamento

'Se fôssemos assentados, as nossas condições seriam muito melhores aqui. O que faríamos em um ano com créditos oficiais levamos dois, três anos para fazer, procurando parceiros, escrevendo projetos", explica Gauba Ribeiro, presidente da Associação de Produtores da Comunidade Terra Livre (Apratel).

Todas as pessoas com as quais se conversa mostram certo estranhamento, como se fosse um 'certo exagero' a merecida admiração que o visitante tem ao ver tantas conquistas apesar de tantas adversidades. Mas ainda assim ninguém quer ir embora nem se mostra disposto em contentarse com o já conquistado.

Dona Neuza e dona Penha se orgulham da comunidade

"Quando vou chegando na Baixada, já começo a ter inchaços e problemas de saúde que me deixaram depois que vim pra cá", diz dona Neuza.

Seu Osvaldo e de Dona Neuza Arantes vieram da Baixada Fluminense (região pe-

riférica da capital do estado). Foi o desemprego que levou seu Osvaldo a participar da ocupação que resultou no Terra Livre, onde vive com mais quatro filhos e a esposa. "Sinto-me um privilegiado quando meus meninos dizem que só voltam na Baixada a passeio, eles que foram criados lá. Aqui somos pobres, mas em qualidade de vida nem se compara", orgulha-se seu Osvaldo, cujos dois filhos mais velhos fazem cursos técnicos na área agrícola.

"Quando vou chegando na Baixada, já começo a ter inchaços e problemas de saúde que me deixaram depois que vim pra cá", diz dona Neuza. No acampamento, a família produz, tem criação e fabrica queijos que vende na comunidade e nas cidades próximas.

Um movimento sincero

Orgulho da história da comunidade e vontade de ficar também é o que sente Maria Penha Espínola, a Dona Penha. Viúva, sempre morou em áreas rurais. Hoje vive sozinha em sua modesta casa. Três vezes por semana a filha Rose vem de Resende, onde mora, para atravessar o Rio Paraíba do Sul numa pequena canoa, com a mãe e o carrinho de

mão chejo de verduras, e vendêlas em Itatiaia. Dona Penha tem origem rural, mas já trabalhou na cidade também, como muitos outros moradores. "Aqui como me-

lhor, nada tem veneno. E dou a oportunidade aos outros de comerem também".

Dona Penha e outros produtores mostram que o exemplo é a melhor das licões. Acompanhando-a numa manhã pelas ruas de Itatiaia e conversando com seus "fregueses-amigos", todos mostram admiração pela vendedora e pelo MST. Muitos, como dona Dagmar

Carvalho, freguesa antiga, até frequentam as festas do Terra Livre. "É um movimento sincero, honesto e bom, sem bagunceiros", explica a dona de casa.



Da escravidão à terra livre

No começo praticamente todos os moradores tinham trabalho, ainda que esporádicos, fora da comunidade. Hoje a maioria se sustenta de seu próprio trabalho de produção.

ssentamento Terra Livre foi fazenda escravista no tempo do café. Um típico latifúndio improdutivo, que já tinha sido vistoriado pelo Incra quando as famílias ocuparam a terra. "A fazenda foi indicada pelo Sindicato dos Trabalhadores Rurais, que acompanha os processos dos ex-trabalhadores escravos. A desapropriação da Fazenda vai pagar seus direitos trabalhistas", explica a moradora Eli-ana Souza. "O pro-

prietário já pediu reintegração, mas como até trabalho escravo tinha aqui, a justiça negou" diz o presidente da Associação de Produtores da Comu-nidade Terra Livre (Apratel), Gauba Ribeiro.

Mas foi a necessidade real da terra para viver que fez o Terra Livre, superar os desafios da fome. "A producão está diretamente ligada à re-

sistência. Era preciso sobreviver. A partir daí tínhamos que nos organizar coletivamente, lutar por apoio, precisávamos de um lugar para as crianças ficarem enquanto trabalhávamos", explica Eleidimar Santos.



Começaram as peregrinações a institutos públicos de apoio à produção, à prefeitura, secretarias de governo etc. Além das muitas discussões coletivas, que até hoje são intensas. Foi assim que se de-

cidiu, por exemplo, que a comunidade precisava de uma escola lá dentro, ou que as casas que já existiam na propriedade pertencentes a antigos colonos - deveriam ser destinadas pri-

oritariamente às famílias mais numerosas

Assim também decidiu-se aproveitar um dos galpões para fazer o centro comunitário, onde acontecem festas. Há uma cozinha coletiva, uma sala com computadores recebidos de doação e que toda a comunidade tem acesso. Agora, em parceria com uma organização francesa, jovens daquele país os moradores participam de intercâmbio na comunidade e estão construindo ali uma cozinha coletiva maior que poderá propiciar capacitação em beneficiamento da produção.

Construindo participação

Também é lá, no galpão que já foi curral de gado, que acontecem

quinzenalmente assembléias da direção da Apratel com os moradores. "A direção da Associação é uma instância executiva, não decidimos nada", explica Gauba Ribeiro.

Hoje, a Associação tem uma diretoria composta por membros indicados pelos três núcleos em que se organizam as famílias do Terra Livre. Sabedores do muito trabalho que há pela frente, inclusive na luta pela regulariza-

cão do assentamento, pretendem continuar tendo a auto-suficiência e o investimento na produção como eixo principal.

"Depois de um tempo, discutimos e decidimos pedir suspensão da distribuição das cestas básicas que havíamos conseguido. Já produzíamos e a cesta acabava atrapa-



Eleidimar, explica ainda que a realidade do Rio de Janeiro onde cerca de 96% dos moradores vivem em cidades e mesmo o campo tem uma vida muito relacionada aos centros urbanos, resulta em características e saídas muito específicas, o que precisa ser respeitado.

ma Eleidimar Santos.

"Ainda não temos aqui uma cooperativa única, como acontece muito no sul do país e em São

Paulo. Isso é um sonho nosso, mas procuramos incentivar todo tipo de produção cooperativada", reitera. Há famílias que dividem animais e maquinário para

aragem, aquelas que trocam trabalhos e até produtos entre si. "Se não apoiarmos as iniciativas que surgem, vamos impedir que suriam soluções criativas para esta realidade específica que temos aqui", completa Gauba.

Diante dessa forte relação com as cidades, uma conquista relatada por todos os moradores com que se conversa: no começo, praticamente todos tinham trabalho, ainda que esporádicos, fora da comunidade. Hoje a maioria se sustenta de seu próprio trabalho de produção. Só quando aperta muito procuram

DO MST NO RIO DE JANEIRO.

Viveiro coletivo ajuda na auto-sustentação

"Há um ano e quatro meses eu só trabalho aqui"

utro exemplo de gente que vive cada vez mais ligada à terra no Terra Livre é Severino Albuquerque, Pernambucano, veio jovem pro Rio de Janeiro tentar a sorte. Fez todo tipo de trabalho, morou na capital. E por muito tempo manteve a rotina de morar e produzir no acampamento e sair em busca de pequenos trabalhos pra completar a renda.

"No começo era difícil, mas já está com um ano e quatro meses que eu só trabalho aqui. Não dá pra morar no campo e ter a base do meu sustento lá fora, se não eu acabo abandonando aqui", ensina com propriedade.

E Seu Severino tem um motivo a mais pra ficar. Além de cuidar da casa e da produção familiar com a filha, é ele o responsável pelo Viveiro de Mudas coletivo. Construído como extensão do galpão comunitário também por parcerias que resultaram da iniciativa da comunidade, aí germinam a maior parte das mudas que a comunidade cultiva. Parte delas começou a ser vendidas pra fora também e a idéia é inten-

Produção diversificada

O Viveiro funciona como espécie de "centro irradiador" de boa parte das atividades de auto-sustentação que a Apratel empreende. Além das mudas de hortaliças, a produção está se diversificando com árvores frutíferas e plantas ornamentais. Aí produz-se também o *Agrobio*, fertilizante orgânico a base de esterco e repelente de insetos que ajuda os produtores a manter o orgulho de "não usar veneno"

A diversificação vem acontecendo de um ieito muito especial.



Desde março, um grupo de 15 jovens recebe uma pequena ajuda de custo para se dedicar ao Viveiro, aprendendo técnicas que ajudam sua família e sua fixação na terra. E é seu Severino, quem ajuda na lição de fazer brotar plantas e desejo de não "abandonar" a terra.

"Eles estudam num turno e passam duas horas do turno contrário aqui, em dias alternados com aqueles em que aiudam suas próprias famílias". explica.

Artesanato ajuda

Além dos jovens, as mulheres estão aprendendo a fazer artesanato a partir das quatro diferentes fibras retiradas da bananeira. Em breve, a comercialização de bolsas, chapéus e vários outros produtos de fibra também vai ajudar na auto-sustentação das famílias do acampamento.

"Nosso maior objetivo é se auto-sustentar e profissio-nalizar a produção, ajudar a organizá-la o ano todo, respeitando os ciclos naturais e variando os produtos", explica o presidente da Associação, Gauba Ribeiro. Ele conta que a comunidade acaba de conseguir também



Taís Peyneau é jornalista



Não precisamos

mais das cestas

básicas que

havíamos conseguido







Comércio Solidário promove a agricultura familiar

Na região Oeste do Estado, um conjunto de entidades e grupos produtivos está mostrando que uma outra economia é possível. Sem intermediários, os produtores e produtoras conseguem comercializar sua produção através da Rede Xique-Xique de Economia Solidária, gerando renda e fixando mulheres e homens no campo.



Neneide no Espaço Xique-Xique

TEXTO E FOTO CIDA RAMOS

udo começou com a idéia de criar um ambiente onde os produtores e produtoras pudessem comercializar seus produtos sem o intermédio de atravessadores. Assim surgiu o Espaco de Comercialização Solidária Xique-Xique. Criado em dezembro de 2003, em Mossoró. o Espaço está mudando a realidade de muitos produtores e produtoras rurais que antes tinham poucas opcões para comercializar seus produtos, servindo como local de venda para mais de 50 grupos produtivos do interior do Rio Grande do Norte

Um deles é o grupo de mulheres de Mulunguzinho, que trabalha com o sistema agroecológico, integrando o plantio de hortaliças, a apicultura e a criação de galinhas e cabras lei-

teiras. "A gente quer garantir a sustentabilidade da horta, não pensamos tanto no lucro. Lutamos dentro do assentamento e hoje somos reconhecidas pelo nosso projeto e nossa organização", explica Francisca Eliane, a Neneide.

Todo o sábado é a mesma roti-

na. Logo cedo, Neneide, Maria José e Geruza saem do Assentamento Mulunguzinho com destino ao centro de Mossoró, onde se encontram com outros produtores e produtoras rurais da região Oeste do Estado. Além de sonhos, elas levam na bagagem hortaliças, como alface, tomate, coentro e berinjela, além de maracujá, banana e outras frutas para serem comercializadas no Espaço Xique-Xique.

Mulheres de Mulunguzinho

As mulheres de Mulunguzinho são as responsáveis pelas cestas de hortaliças do Xique-Xique. Elas produzem, cuidam da horta, trabalham respeitando a agroe-cologia, sem utilizar nenhum tipo de agrotóxico. Por outro lado, de acordo com Neneide, os consumidores têm a plena confiança no trabalho. Eles sabem que estão adquirindo uma alimentação de qualidade, produzida com responsabilidade, seriedade e sem agredir o meio ambiente.

Por semana, elas preparam cerca de 35 cestas de hortaliças para serem comercializadas no Espaço Xique-Xique. "Os consumidores de hortaliças divulgam as cestas para outros novos consumidores e passam a comprar outros produtos", explica a produtora.

O agricultor Irapuã Ângelo

Gurgel Gomes também acredita no comércio solidário e leva seus produtos para o Espaço Xique-Xique aos sábados. Ele mora há cinco anos no Assentamento Moacir Lucena e participa da Cooperativa da Agricultura Familiar de Apodi -COOAFAP. "A maior vantagem é que estamos trazendo o produto direto para o consumidor e fazendo uma outra forma de comércio", diz Irapuã, que toda semana vende cerca de 10 quilos de queijo de cabra e 25 quilos de carne de caprino e ovino.

Outro produtor que não volta com nenhum produto para casa é Francisco Edjarles Fernandes, que participa desde o início do Espaço Xique-Xique. "Sempre sonhei com um centro de comercialização, que pudesse estabelecer uma relação de confiança entre produtor e consumidor", diz. Casado e com um filho, ele enfatiza a agricultura familiar, onde todos têm um papel importante na comunidade e devem receber a mesma atenção e respeito, seja homem, mulher, jovem ou criança. Produtor de hortaliças orgânicas, Edjarles faz parte da Associação dos Sítios Reunidos, que congrega cerca de 60 famílias da Comunidade Água Fria, em Apodi, onde nasceu e mora até hoje.

Certificação de qualidade sem agrotóxico

s entidades estão colocando em prática um Processo de Certificação Participativa. Neste, a origem e controle de qualidade dos produtos e serviços comercializados são acompanhados e validados por uma equipe multi-setorial. "Isso faz com que os consumidores tenham a certeza de que nossos produtos são produzidos sem a utilização de agrotóxicos, respeitando os princípios da agroecologia", diz Emerson Cenzi, da Associação de Apoio às Comunidades do Campo – AACC, entidade que presta assessoria técnica a vários grupos produtivos da região.

Ele explica que essa concepção faz parte da Carta de Princípios da Rede Xique-Xique. De acordo com o documento, a produção agropecuária deve ser realizada com o manejo sustentável do solo e água, a valorização e resgate de culturas e sementes tradicionais, o controle natural de pragas e doenças das plantas e animais, conservação e manejo dos ecossistemas aquáticos e integração das criações de animais no sistema de produção familiar diversificado.

Para participar da Rede, os grupos produtivos devem estar cientes dos princípios básicos que foram definidos em várias reuniões.



Senhor Valcimar e sua produção



Rede se organiza nos municípios e chega ao Ceará

Após a criação do Espaço Xique-Xique, o desejo dos produtores era de que essa idéia fosse além de uma loja em Mossoró, e decidiram então se organizar por núcleos em vários municípios e regiões do Estado. Assim surgiu a Rede de Economia Solidária Xique-Xique.

tualmente, a Rede abrange grupos produtivos agroecológicos nos municípios de Mossoró, Serra do Mel, Baraúna, Apodi, Touros, Pedro Velho e São Miguel do Gostoso, no Rio Grande do Norte, e Beberibe, no Cegrá

Seu principal objetivo é ser um espaço de discussão e construção de novas formas de comercialização que vão das lojas, como o Espaço Xique-Xique, a feiras, venda direta de produtos através de cestas, chegando a consumidores de outras regiões e até mesmo de outros países.

A Rede é formada por um Conselho Diretor, composto por sete pessoas, e um Conselho Gestor, que tem uma representação de cada grupo participante. Um dos seus princípios é a autogestão, e suas instâncias são formadas exclusivamente por produtores e produtoras.

Cadeias produtivas

Além de comercializar produtos e serviços, a Rede desenvolve atividades de formação, através de capacitação, intercâmbios e troca de experiências. A idéia é capacitar os pequenos produtores para investir em qualidade e comercializar a produção sem precisar recorrer a atravessadores e intermediários, conseguindo assim um preço mais justo.

Entre os produtos comercializados pela Rede Xique-Xique, pode-se encontrar artesanatos (decoração, utilitários, brindes,

bordados, papelaria, brinquedos, etc.), confecções (camisetas e acessórios de moda) e produtos agropecuários (castanha, mel, legumes, frutas, etc.) agroecológicos.

Dividida por cadeias produtivas, como Artesanato, Apicultura, Frutas e verduras e Caprinovinocultura, a Rede Xique-Xique está organizando os produtores rurais e gerando renda para toda família. Maria Lúcia Ferreira e mais seis mulheres fazem parte do Grupo Renascer, do Assentamento Cabelo de Negro, em Mos-soró. O grupo é um dos que fazem parte da cadeia produtiva da Apicultura. Em dezembro do ano passado, elas iniciaram um trabalho com a produção de cremes de barbear, esfoliantes, sais de banho, sabonetes em barra e sabonetes líquidos a base de mel. "Temos conseguido vender nossos produtos até para fora do Estado", diz.

Diversificando a produção

Para a apicultora Josefa Lima da Silva Neta, do Assentamento Tiradentes, município de Baraúnas/RN, ter um espaço como o Xique-Xique para comercializar a produção é muito importante. Ela faz parte de um grupo de oito mulheres que há três anos iniciou um projeto de apicultura no assentamento que, só no ano passado, produziu mais de 1.500 litros de mel. "No início tivemos medo de ser picadas pelas abelhas, mas nos capacitamos, fomos para o mato, achamos o enxame e aprendemos toda a técnica",

lembra. Há mais de 10 anos, a mãe de Josefa, Dona Judite Lima da Silva, foi uma das precursoras do trabalho com mulheres no assentamento.

O agricultor Luis Vileimar de Carvalho é

um dos integrantes da cadeia produtiva de caprinovinocultura. Ele mora no assentamento Laje do Meio e participa da Cooperativa da Agricultura Familiar de Apodi - COOAFAP. Há dois meses está trazendo os produtos para serem comercializados no Espaço Xique-Xique. "Toda a nossa produção é orgânica, o queijo, a carne de cabra. No começo eram uma ou duas pessoas envolvidas com o Xique-xique, agora estamos querendo nos organizar para participar e nos livrarmos dos atravessadores", en-

Segundo ele, as mulheres do assentamento já estão começando a se organizar para trabalhar com apicultura, só estão aguardando um projeto de

Das experiências que já teve oportunidade de acompanhar através da *Rede Xique-Xique* Vileimar destacou o intercâmbio realizado para Lages. Onde rebanhos de caprinos são criados e produzem mais de sete litros de leite ao dia. As técnicas e os investimentos nos caprinos feitos são as próximas conquistas a serem planejadas para o grupo que trabalha com a caprinocultura no assentamento.

Por que rede Xique-Xique?

Seu nome tem origem no cacto xique-xique (Pilo-socereus gounellel), bastante comum no semi-árido nordestino, da família das Nopáleas. Na época de grandes estiagens, o povo nordestino costuma queiméa-lo para servir como alimento aos animais de criação (gado, caprinos e ovinos). Na natureza serve de alimento para o mocó e seus frutos são apreciados por aves de diversos tipos.

Planta suculenta e extrema-

mente rica em água, da qual até o fruto é comestível. O xique-xique é largamente utilizado para a produção de ração animal, mas geralmente reserva a quem a colhe ou consome grande quantidade de espinhos. Rico em proteínas (5,1%), sais minerais, carboidratos, e teor de fibra bruta, deve-se ao xique-xique a sobrevivência de muitos rebanhos do Nordeste brasileiro durante grandes secas, como as dos anos de 1993 e 1998.



Mel (líquido e em favo)

Artesanato em palha (Abajur, jogo nordestino, cestas, cestos para pães, frutas, baú, bolsas, chapéus (feminino e masculino), vassouras da costa

Sisal- Bolsas

Toalhas de banho com macramé,

Bolsa de tecidos

Renda: panos de bandeja feito de Bilrra

Labirinto: técnica de artesanato manual feita com bramante (caminho de mesa, toalha de mesa, bolsas, calças, camisas, short, blusas, saia, panos de bandeja, etc)

Bordados

Bijuterias

Velas decorativas

Rede

Topiaria e quadros decorativos (artesanatos com sementes)

Bonecas de panos (grande e mini bonecas)

Gel para barbear, sais de banho, óleo de gengibre, sabonetes de ervas, sabonete de mel

Doces

Leite de cabra

Castanhas de caju (torrada e cozida)

Queijo de cabra (sabores: puro, orégano, alho)

Melancias orgânicas Arroz orgânico Mariscos (taioba)

Hortaliças (aos sábados) Mamão











Há exatos 11 anos o MST fincou pela primeira vez sua conhecida bandeira na capital do país. E de lá para cá tem deixado no Distrito Federal uma marca de atuação coletiva, baseada na organização e na solidariedade, oferecendo à sociedade e ao Estado provas de que a justiça social começa pela distribuição da terra. Nesse período, foram implantados nos arredores de Brasília 27 assentamentos. Hoje o Movimento reúne 24 mil pessoas distribuídas em toda a região do Distrito Federal e Entorno que lutam pela reforma agrária, vivem em coletividade e praticam a agroecologia.

TEXTO E FOTOS: CARLA LISBOA

atuação do MST na região começou em 1995, quando 700 famílias ocuparam a fazenda Barriguda, nas proximidades da cidade mineira de Buritis, considerada parte do Entorno do DF. Trata-se de uma área de 4.680 hectares que foi palco de disputas acirradas. Barriguda virou símbolo da resistência dos trabalhadores rurais e sua ocupação abriu caminho para uma série de outras vitórias do movimento no DF.

O técnico agrícola e sem-terra Flávio de Souza Mello lembra que, "das lutas pela conquista da terra no DF, a batalha travada na fazenda Barriguda foi a mais difícil e longa". Os trabalhadores rurais enfrentaram seis anos de conflitos com a polícia e uma desgastante briga judicial, resistindo a todo tipo de ameaça e pressão.

Por causa disso, além da conquista da posse da terra em 2003, quando ganharam a concessão do governo federal, os sem-terra, ao final da luta, saíram fortalecidos. Segundo Flávio de Souza Mello, eles comprovaram que a vitória só ocorreu porque resistiram unidos aos embates que tiveram não só com o latifundiário, mas com o governo, a polícia e a Justiça locais, as quais, nas mãos do fazendeiro, fizeram o possível para tirar os sem-terra da região.

O saldo da resistência foi além da conquista do assentamento. Por terem sido obrigados a lutar constantemente por aquele pedaço de chão, os sem-terra aprenderam a se organizar, a trabalhar em coletividade, a produzir e dividir a produção. E a cooperação rendeu frutos. Hoje a fazenda Barriguda é um assentamento modelo, reconhecido como tal pela ONU.



Flávio de Souza Mello

Produção coletiva, a receita do sucesso

Depois da regularização, em 1993, Barriguda mudou de nome. Hoje é assentamento Mãe das Conquistas, em homenagem à resistência das famílias que ocuparam aquela área de 4.680 hectares em 1995. Considerada pelos sem-terra a primeira vitória do movimento no Distrito Federal, Mãe das Conquistas deu origem a quase todos os assentamentos e acampamentos existentes no DF e região do Entorno.

as 700 famílias que ocuparam o terreno, apenas 81 ficaram no local. As demais foram distribuídas em outros 26 assentamentos e 23 acampamentos na região, formando uma população de 24 mil pessoas. Hoje, Mãe das Conquistas oferece uma organização e uma produção agrícola modelo para os demais, que ainda enfrentam o dilema da sobreposição de interesses individuais aos coletivos.

No assentamento Mãe das Conquistas toda a produção de alimentos, criação e preservação ambiental são feitas coletivamente pelos trabalhadores. O resultado é a distribuição igualitária dos frutos do trabalho, a organização da comunidade e uma produção agrícola considerável, que envolve feijão, arroz, milho, hortaliças, criação de rebanho e frutas.

Outro ganho que o assentamento trouxe foi o fortalecimento da proposta de produção agroecológica adotada para reparar a destruição ambiental promovida pelo ex-proprietário da área. Antes da ocupação, a fazenda servia apenas para plantio de braquiara, um capim específico para alimentação de gado. O ex-proprietário, conhecido na região de Buritis como Quincão, desmatou toda a extensão da terra, transformou o cerrado em carvão e a terra em pastagem até dentro do rio, o que fez com que o solo empobrecesse, surgissem grandes erosões e ameaçasse a vida do rio Urucuia, que atravessa a região.

Em apenas cinco anos, por meio do Plano de Desenvolvimento do Assentamento (PDA) e do modelo agroecológico de produção, os trabalhadores assentados recuperaram a terra, reconstituíram parte do cerrado, impediram o avanço da erosão, resgataram a várzea do rio e movimentaram a economia de Buritis, proporcionando qualidade de vida melhor para mais de 300 pessoas só na fazenda.

Hoje a área está quase totalmente recuperada e com grande produção de feijão, arroz, hortaliças, frutas, laticínios e carnes. Com o alimento garantido, a subsistência deixou de ser a principal batalha e deu lugar a novas lutas pela conquista da cidadania.

O reconhecimento da ONU

Produção ecológica projetou assentamento

Mudança na matriz

tecnológica:

meta alcancada

nualmente as Nações Unidas abrem concorrência, por meio de edital, para instituições e comunidades organizadas apresentarem projeto técnico para produção agrícola baseada na defesa do meio ambiente. A proposta dos assentados de Barriguda foi aprovada e colocado em prática o projeto Centro de Vivência Ambiental.

Com o Centro de Vivência Ambiental, o MST determinou três

metas a serem alcançadas pelos assentados. A primeira foi a auto-sustentação das famílias. Com isso, o movimento

estimulou o modelo de produção coletiva para produzir o alimento necessário à sobrevivência.

A segunda foi o fortalecimento da organização das famílias, pois havia um número grande de pessoas e a única forma de fazer o assentamento prosperar era organizando-as de forma que continuassem unidas, não se dispersassem e evitassem problemas com a organização dentro da fazenda. Para isso, não contaram com a ajuda de professores e técnicos para formar e capacitar cada

membro do assentamento.

A terceira meta, considerada a mais importante, foi a implementação da mudança da matriz tecnológica da agricultura. O modelo tradicional – baseado no uso de agrotóxicos, tratores, desmatamento e na produção de carvão – foi substituído pelo modelo alternativo fundamentado nos costumes e na cultura dos sem-terra, que é voltada para a produção de subsistência e obtenção de renda.

Estabeleceram uma relação saudável com o meio ambiente. Sem veneno, a produção é conhecida como agroecológica.

agroecologica.

"Com essa proposta, a gente respeita aquilo que culturalmente está na cabeça e nos costumes do trabalhador rural, mas ao mesmo trabalha a idéia do meio ambiente, aproveitamento sustentável, por exemplo, no cerrado. Não precisamos transformar ele em carvão para se ter rendimento econômico. Podemos coletar os frutos, que há muito no cerrado, e transformar em doce, rapadura, e isso vira produto econômico", diz Flávio, mostrando como se pode agregar valor à produção de forma ecologicamente correta.



21/9/2005, 16:49



Cunha: filho do Mãe das Conquistas enfrentou dívidas e desistências da terra

Assentados que optaram pela ação individual enfrentam dívidas e ameaça de desistir da terra. Grupo Coletivo colhe fruto de parcerias com Embrapa e PNUD



Vista do assentamento

fama do assentamento Mãe das Conquistas correu por todo Distrito Federal e Entorno. Espelhadas nessa experiência, 52 famílias acamparam e conquistaram a fazenda Cunha, localizada a 14 km do Jardim ABC, nas proximidades da Cidade Ocidental, na divisa do DF com Goiás.

Cunha, como é chamado o assentamento de 1.031 hectares. abriga 208 famílias, das quais apenas 10 trabalham no sistema de coletividade. As demais, que optaram pela ação individual, vêm enfrentando o endividamento e até a desistência da terra. Alguns, segundo Ivo Ricardo Barfknecht, um dos diririgentes estaduais do MST e um dos assentados de Cunha, já vêm tentando vender a parcela que lhes pertence.

No entanto, apesar da desistência de parte dos assentados

de participar até mesmo do MST, as 10 famílias reunidas no Grupo Coletivo Carajás tocam a produção nos cerca de 60 hectares que lhes couberam e já apresentam os frutos dessa união. Firmaram parcerias com a Embrapa e com o Fundo para o Meio Ambiente Mundial, por meio do Programa das Nações Unidas para o Desenvolvimento (PNUD), para integrarem o Programa de Pequenos Projetos - o PPP. Com essa parceria, o Coletivo Carajás preparou sementes de milho, feijão e outros cereais para cultivo e iniciou a preservação de espécies típicas do cerrado, como cagaita, baru, articum, jatobá, pequi, marmelo, dentre outras.

Construindo parcerias

Entre as parcerias firmadas pelo Coletivo está a agroindústria de beneficiamento de alimentos, em fase final de construção, com parceria com a Associação de Apoio à Verticalização da Pequena Produção Familiar (Aprove). A meta é beneficiar hortaliças que serão produzidas numa área de oito mil metros quadrados e a poupa de frutos do cerrado, muitos já plantados.

O investimento foi de R\$ 50 mil para a construção do galpão, embalagens e os meios necessários para a produção. O projeto está sendo avaliado pela Vigilância Sanitária e órgãos federais para que os produtos saiam do assentamento com certificado de origem, uma exigência do governo que dá garantias ao consumidor sobre a procedência e qualidade dos alimentos.

A busca pelos recursos financeiros levou o grupo



Sem-terra recuperam solo devastado e trazem a água de volta

Recuperação do solo, sementes adaptadas para a região, sementes de frutos típicos são a cesta básica da agroecologia

ssim como a fazenda Mãe das Conquistas, Cunha teve seu solo destruído pelo desmatamento desordenado. Ilha cercada pelos rios São Bartolomeu e Santana e várias nascentes, Cunha chegou a ter os córregos que cortam a região completamente secos por causa da ação devastadora da plantação de soja que havia no local. "Os córregos secaram e a água do rio São Barto-lomeu, mesmo em época de cheia, não chegava mais no leito que se estendia dentro da fazenda", conta Barfknecht.

Hoje a área está quase totalmente recuperada e já se podem ver na margem do rio e nas proximidades das nascentes o renascimento do cerrado, o verde da vegetação e a água que havia secado. A plantação baseada no modelo agroecológico tornou Cunha um assentamento modelo no DF. Barfknecht conta que os primeiros três anos depois de assentados foram de pesquisas. Orien-

repórter da terra 3.pmd

tados por técnicos da Embrapa. conseguiram encontrar a semente que fosse adaptada para o clima e solo da região.

Reciclagem natural

Nesta época em que o Centro-Oeste é tomado pela seca, os assentados de Cunha deixam a terra descansar. Sobre ela, vêem-se resquícios secos da plantação do

ano passado, como capim, pés de mandioca e um emaranhado cinza que cobre todo o solo da fazenda. O objetivo é deixar que a própria terra processe aquela vegetação morta e se recupere naturalmente.

Em Cunha, além do trabalho de recuperação das sementes culturalmente produzidas, os assentados do Coletivo Carajás conse-

guiram resgatar sementes de frutos típicos do cerrado que há mais de 40 anos estavam desaparecidos na região. Dentre as sementes recuperadas destacam-se algumas espécies de milho, arroz e até mesmo o tipo de adubação verde.

"Para isso entraram outros atores, como a Embrapa, Anca, ISPN, Concrabe. O ISPN entrou apoiando o projeto de agroindústria que está no processo final de implementação, na Cunha, e nós transformamos esses assentamentos em locais de experiências concretas e um local de disseminação daquilo que a gente faz", explica Flávio Mello.

Ao mesmo tempo em que se discute política, nas reuniões também têm lugar o debate das questões técnicas. Fala-se do agronegócio, dos transgênicos, e nessas discussões os dirigentes do MST aproveitam para comparar os modelos de produção e apontar as alternativas aos assentados.



21/9/2005, 16:49

Maranhão: assentamentos num mar de latifúndios

A roça e o rufar dos tambores no Diamante Negro

"É preciso amar as pessoas como se não houvesse amanhã..." Os versos de Renato Russo, ex-vocalista da Legião Urbana, embalam a manhã ensolarada de agosto nas casas da entrada da Vila Diamante. Um dos primeiros e mais expressivos assentamentos de reforma agrária sob a coordenação do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST) no Maranhão.

TEXTO E FOTOS ED WILSON ARAÚJO

música que toca em quase todas as casas é veiculada na Rádio Comunitária Diamante FM (92,5 Mhz), o principal meio de comunicação do assentamento Diamante Negro/Jutai. Com 8.885 hectares além da Vila Diamante, abrange mais nove comunidades: Vila Diamante, Água Branca, Cordeiros, Serdote, Nova Morada, Morada Nova, São Raimundo, Baixa do Arroz e Anananzal. Fica à margem da BR - 222, a 210 Km de São Luís, entre os municípios de Igarapé do Meio e Monção, no Vale do Pindaré. O assentamento é fruto de uma ocupação iniciada em 1989 e concretizada após um áspero enfrentamento contra a Polícia Militar e jaguncos. É do assentamento o vice-prefeito do município, Lourenço Chagas (PDT), no segundo mandato, e o ex-vereador Antonio Rafael Martins, já falecido

No Diamante Negro vivem 338

famílias. A maior parte está concentrada na Vila Diamante, a sede.

Aposta na rádio comunitária

A rádio está localizada no Centro de Formação Pe. Josimo, complexo que abriga ainda o Telecento de com dez computadores conectados à internet, a secretaria, alojamentos, lavanderia, cozinha, refeitório, banheiros e o auditório onde são ministrados os cursos de formação. É neste local onde acontecem as principais atividades pedagógicas dos assentados.

Entre as conquistas decorrentes da luta pela terra, a Diamante FM representa a concretização de um projeto de cidadania no contexto da reforma agrária. A emissora é coordenada por Cosme de Jesus Sousa Araújo, 33 anos, que vivenciou toda a fase de ocupação da fazenda, em 1989, quando presenciou as perseguições e os tiroteios. Antes de ter a rádio FM, os assentados tinham um sistema de som alto falante. "Daí a comunidade começou a despertar a curiosidade pela

questão da comunicação", relata Cosme Araújo, até que em 1999 entrou no ar a Rádio Comunitária Diamante FM. Colhendo vitórias e enfrentando dificuldades, a emissora chegou a atingir sete municípios no Vale do Pindaré.

Um episódio que marcou a história da rádio foi a investida frustrada da Polícia Federal. A emissora estava com 15 dias de funcionamento quando os agentes chegaram para tentar apreender os equipamentos, mas a reação da comunidade foi imediata e inteligente, trancando os agentes no prédio e convocando os assentados para defender a Diamante FM. "Foi questão de minutos para o centro estar cercado de crian-

ças, jovens, pessoas de todas as idades do assentamento. A polícia ficou presa aqui dentro da rádio e o prédio cercado pelos populares. A PF não resistiu à pressão e foi embora. Mais duas vezes tentou voltar, ficou próximo ao assentamento, mas não entrou", lembra Cosme Araújo, afirmando que a grande conquista da emissora é debater a realidade dos assentados, esclarecer e promover a participação das comunidades na gestão e na programação.



Cinema na Terra

Em 2005, a rádio entrou em uma nova etapa unindo comunicação e cultura. Em 28 de agosto a emissora foi oficialmente inaugurada e começou a funcionar na Vila Diamante o "Cinema na Terra" projeto do MST em parceria com o Ministério da Cultura em 16 estados brasileiros. Consiste na apre-

sentação de filmes nos assentamentos, acampamentos, escolas, entidades e outras instituições afinadas com a reforma agrária. Na mesma data foi inaugurado ainda o Ponto de Cultura, outra iniciativa do MST junto ao Ministério da Cultura para adquirir instrumentos



Estuda-se muito no Centro de Formação Pe. Josimo

Atualmente, o MST executa projetos pedagógicos em parceria com a Universidade Federal do Maranhão (Ufma), Escola Agrotécnica Federal e com o Incra, respectivamente, nas áreas de Magistério, Saúde Comunitária em Áreas de Reforma Agrária, Agropecuária e Agroecologia. Além do centro de formação, a Vila é composta por duas escolas de ensino fundamental.

no ambiente da Pedagogia que estão envolvidas as jovens Vitória Nilde Maciel Amorim, 21 anos, e Ana Paula Pinheiro Paiva, 20 anos, alunas do curso Magistério.

Vitória Amorim era criança quando foi para a ocupação, junto com militantes da Igreja Católica e do MST. Na época morava em Juçaralzinho, povoado de Vitória do Mearim, "Os meus pais e mais outras famílias vieram e eu vim junto. A minha vontade sempre foi ser militante. O MST politiza, principalmente na adolescência, organiza para combater a opressão. A mi-

10

nha principal conquista é ter uma concepção de mundo diferente da sociedade, das pessoas", revela.

A educação muda a vida

Ana Paula Paiva nasceu no povoado Bomba, em Bacabal, e foi para o assentamento "Margarida Alves" levada pelo pai. As dificuldades financeiras e a distância da família estão sendo superadas com a conclusão do Magistério. "O novo pra mim dá medo", sentencia, lembrando as opções que teve de fazer para superar os obstáculos. Sair de Bomba e chegar à reta final do Magistério é uma experiência de vida que a

jovem conta com detalhes e emoção, enfatizando o impacto diante dos novos desafios. A vivência no assentamento e o curso do Magistério são exemplos. "Você tem que aceitar as pessoas como elas são. Não é fácil você viver em coletivo, em comunidade, compreender o outro, compartilhar o que você tem com o outro. Com o passar do tempo eu fui compreendendo a luta de classe, como funciona. Parece que as portas se abrem, você tem novos horizontes. Hoje eu digo assim que eu dei um salto muito grande na minha vida", comemora.





A estrada é a espinha dorsal do Diamante Negro/Jutai, interligando todas as comunidades. Como passa a maior parte do ano inviável para o tráfego de carros e caminhões, não pode haver estímulo para plantar se não tem como escoar. O contraste entre a realidade do assentado e as expectativas de uma reforma agrária produtiva explica a ociosidade da maior edificação da Vila Diamante, chamado elefante branco, uma espécie de armazém construído pelo Incra e que nunca teve utilidade.

Destaque para a produção

No assentamento existem três organizações voltadas à produção: Grupo Coletivo "Unidos Venceremos", Associação dos Pequenos Produtores da Vila Diamante e Cooperativa Agropecuária dos Produtores da Vila Diamante (Coopervid). O desgaste da terra, segundo Fernandes, também contribuiu para o desinteresse pelo trabalho coletivo. As rocas são individuais e a agricultura é de subsistência à base de arroz, milho, melancia, mandioca e feijão.

Os relatos dos agricultores contrastam com o grande potencial

agrícola da região, localizado na Baixa do Arroz. uma extensa área alagada cujas condições naturais, se potencializadas, poderiam otimizar a agricultura e a pesca. "Diamante Negro/Jutai foi o primeiro assentamento no Maranhão que teve cooperativa e puxou a luta pelo crédito agrícola", explica a assistente social Zaira Sabry Azar, militante do

MST e mestranda em Políticas Públicas na Universidade Federal do Maranhão (Ufma). Zaira Azar afirma que o construir coletivo ainda é o grande desafio, um processo lento. "O assentamento não é um gueto, tem contradições, disputas internas, muitas vezes oriundas da tradição camponesa



Jovens em curso de formação

e do conflito de propósitos na relação entre as famílias e as políticas do Estado, que quer resultado econômico, rentabilidade", detalha, referindo-se ao elefante branco. "Os projetos tem de ser construídos dentro da comunidade. Não adianta projeto pronto", enfatiza Azar.

Assentados valorizam e preservam a cultura regional

A tradição católica é forte nas manifestações culturais

nesse ambiente inspirador que a reportagem encontra as outras dimensões da vida dos assentados - a celebração do canto, da dança e da percussão, a exemplo do bumba-boi "Jóia de São João", da Morada Nova, organizado por Raimundo Rodrigues Martins, o Barroso, 52 anos. A brincadeira foi iniciada em 1982, "de uma promessa feita por 'Antonio do Acoque' para São José de Ribamar. Nunca mais de lá pra cá parou. Todo ano levanto ela", conta Barroso.

O boi Jóia de São João diferencia da tradição junina maranhense. Não existem as personagens Pai Francisco e Mãe Catirina, alegorias predominantes no auto do bumba-meu-boi. O forte da brincadeira é a percussão, proporcionada por grandes tambores (as caixas), as zabumbas e pandeiros, feitos dos couros de cobra sucuruju, veado mateiro e gado.

Seu Barroso no comando

Com uma média de 100 participantes, o comando da brincadeira é de Barroso, que assume o papel de fazendeiro, e de Antonio Rodrigues, o patrão, acompanhados do amo, contra-amo, primeiro vaqueiro, segundo vaqueiro. cazumbas, Dona Maria, as tapuias e o chefe do batuque.

Há poucos evangélicos no assentamento. Esta é uma das singularidades que pode explicar a força da tradição católica nas manifestações culturais, pois as festas mais expressivas têm ligação forte com o

catolicismo. É o caso de outra forte influência percussiva, de cantoria e dança na região - o tambor de crioula - em homenagem a São Benedito. Na comunidade São Raimundo, o lavrador Manoel Luiz da Silva. 60 anos, toca tambor desde os 15 anos. O casal Raimunda Cutrim Sousa, a Quinha, e Valdinor Sousa, é devoto de São Benedito. Desde adolescente Valdinor começou a cantar tambor de crioula e depois organizava festa para São Benedito. "Isso iá vem de muito tempo. É muito importante. As mulheres dancam, fazem aquela vestimenta grande e começam a dançar na frente do tambor e eles fazem o cordão e vão botando versos uns para os outros e vão boiando. Aqui dos mais velhos até os novos tudo cantam. Na família tem o gen-

passando de geração a geração", conta Quinha com um sorriso orgulhoso

As festas de junho

No período junino, as comunidades entram em festa e passam dias fazendo apresentações. Tudo converge para o dia 30 de junho, quando é celebrado o aniversário da ocupação. É uma festa que já entrou para o calendário dos municípios circunvizinhos. O aniversário da Vila Diamante. para uns, é apenas mais uma festa; para tantos outros, representa a conquista da terra e da liberdade. É um dia de celebrar a vida, os projetos conquistados e de reacender a chama dos sonhos de muita gente.

DA TERRA | SETEMBRO DE 2005





11



ro, o compadre, o filho. É aquela alegria e vai

repórter da terra 3.pmd

•

Feira da Reforma Agrária é subsistência e diálogo com a população

Feira faz sucesso e encanta a população com preço e qualidade dos produtos de Reforma Agrária



Maceió: Setembro de 2005

Texto e fotos: Antonio Ezequiel

aceió. "Em tempo de colher, levar às feiras livres produtos que florescem sem agrotóxicos, a preços atrativos para a população, o homem que lavra a terra e planta sente o verdor da liberdade". A frase é de Débora Nunes, da coordenação do MST, em Alagoas. Quando diz isto, está se referindo à Feira da Reforma Agrária, que, uma vez por ano, no mês de setembro, leva aos moradores da capital, produtos dos assentamentos no Estado. A Praça da Faculdade, em Maceió, já ficou até conhecida como Praça dos Sem-Terra.

"O objetivo da feira, já no sexto ano, além de oferecer alimentos pelos melhores preços à população, é o diálogo com a sociedade sobre a importância da reforma agrária. A fixação do homem do campo com trabalho, saúde, educação e moradia garante dignidade às pessoas", afirma.

Para Débora, a feira é um exemplo de resistência. Mostra do que são capazes os trabalhadores mesmo que não recebam a devida assistência técnica e a infraestrutura necessárias para a concretização dos sonhos. Em 2003, em apenas três dias, foram vendidas 280 toneladas de alimentos. Em 2004, esse número foi ainda maior.

Para 2005 as perspectivas são boas, segundo a sem-terra. O inverno deste ano garantiu boas safras nos assentamentos do estado. Toneladas de alimentos serão vendidas à população diretamente, sem atravessadores, Milho, feijão, macaxeira (mandioca ou aipim), batata doce, abóbora, cana caiana, mamão, coco, galinha de capoeira e carne de bode estão entre os produtos que serão levados para a feira, em setembro. Para Débora, o Programa Nacional de Agricultura Familiar (Pronaf) é muito importante. "Mais de 60% dos produtos agrícolas consumidos provêm da agri-cultura familiar", diz orgulhosa. E completa: em Alagoas esse número pode chegar a 80%

Educação e moradia são conquistas dos assentados

Plávia Oliveira Alves é a coordenadora estadual do Setor de Educação do MST. Ela nos conta que a Escola de Ensino fundamental Sete Casas em breve deverá se chamar Dom Helder Câmara. Ela foi construída pelo governo estadual. Hoje, beneficia 563 alunos da em suas quatro salas de aula, biblioteca, sala de informática e alojamentos.

Flávia fala com alegria da escola de ensino fundamental, mas não se esquece da importância de trabalhadores rurais e seus filhos, que vivem em assentamentos de reforma agrária, estarem cursando universidades, graças a convênios firmados com o MEC por intermédio do Incra. Os alunos estão espalhados pelos cursos de Agronomia, Filosofia, Psicologia, Pedagogia. Há os que estão em Cuba fazendo Medicina e Dança e os que fazem cursos de

Técnicas Agrícolas em Bananeiras, na Paraíba.

Casas em mutirão

"A gente trabalha, sim, com a esperança de não ver agricultor mendigando nas cidades, mas vivendo com dignidade", orgulha-se José Bezerra da Silva, do assentamento Rosely Nunes. "Tive o prazer de entrar numa casa que eu mesmo planejei". É assim que se sentem os agricultores dos assentamentos Rosely Nunes e Nova Paz, em Girau do Ponciano. Dos R\$ 18 mil destinados a cada família dessas áreas, R\$ 5 mil puderam ser usados na construção de moradias. Não houve contratação de empreiteiras. Com a ajuda de profissionais de construção casas bem planejadas foram construídas com material de qualidade e espaço para futuros armazéns.



Ovinocultura não deu certo no Dom Helder

Experiência com criação de ovelhas não foi para frente e deixou moradores endividados



Começar de novo até dar certo para não voltar à favela da periferia de Maceió

o assentamento Dom Helder Câmara, no município de Girau do Ponciano, na região agreste de Alagoas, a 161 quilômetros de Maceió, vivem 287 famílias, distribuídas pelas nove agrovilas nos cerca de 4 mil hectares. É o maior dos 47 existentes no Estado

O agricultor José Antonio dos Santos (Zé Borges) lembra da experiência de ovinocultura (criação de ovelhas), quando foi feito o assentamento das famílias, há seis anos. Cada família teve direito ao financiamento de R\$ 9.500,00, pelo Banco do Nordeste (BN). Com esse dinheiro compraram ferramentas, arame, estacas, fomento, construíram moradias e pagaram as ovelhas: 15 matrizes, cada uma avaliada em R\$ 100, e um reprodutor, em R\$ 150. Foram entregues em cada lote sem que seus ocupantes fossem ouvidos.

A experiência não deu certo. Atualmente, não há sequer uma ovelha no assentamento. Zé Borges explica: as ovelhas não se adaptaram à região, sem pastagem devido à estiagem. Os animais que não morreram foram vendidos. Atualmente, os moradores do Dom Helder Câmara estão com dívidas jun-

to ao Banco do Nordeste.

José Roberto, outro assentado, explica que a inadimplência agravou-se pelo fato de a liberação dos recursos ter sido antecipada, ainda no período de pré-topografia. Quando os lotes foram demarcados, famílias tiveram que se mudar para os que lhe foram destinados nas agrovilas do assentamento. Tiveram que deixar para trás o trabalho que já haviam iniciado, removendo material e recomeçando tudo sem recursos.

Hoje, as famílias resistem plantando milho, feijão, mandioca, palma para ração de animais (chamam de ouro verde) e, em alguns lotes, o fumo

Não às favelas rurais

Falta, segundo os agricultores, uma melhor distribuição de sementes. A Secretaria Estadual de Agricultura fornece quatro quilos de espécie para cada lote. "São fornecidas fora do período adequado ao plantio, nos meses de abril e maio", fala Marcone Alves.

Para Marcone problemas deste tipo acontecem porque "os assentamentos foram pensados para não dar certo. Deixaram de criar favelas nas cidades para criar favelas rurais. Sem infra-estrutura, assistência técnica famílias de agricultores se instalam em lotes de 30 tarefas, em média e, muitos casos, plantam palma para pastagem ou respeitam áreas de preservação ambiental, o que reduz áreas de plantação. O que ainda produzimos significa a resistência, a coragem para o trabalho".

Um exemplo de como desejam reverter a atual situação é a criação de um banco de sementes, no sistema de cooperativas, que lhes possibilitará o resgate de variedades antigas e de qualidade para boa produção, com capacitação dos próprios técnicos, sem necessidade futura de submissão a sementes transgênicas de grandes indústrias.

12